

## **A (DES)GRAÇA DA PIADA**

Juliana Harumi Chinatti  
Mestranda no Programa de  
Pós-Graduação em Linguística Aplicada da  
Universidade de Brasília

## A (DES)GRAÇA DA PIADA

Juliana Harumi Chinatti<sup>1</sup>

A partir de epistemologia linguística que versa sobre a materialidade dos discursos e dos aportes dos Estudos Feministas, este trabalho tem como objetivos apresentar os aspectos linguísticos estruturais que organizam o gênero piada; analisar o corpus oral extraído de um programa de televisão; e discutir o resultado propondo repensar os limites do humor sob a luz de um compromisso ético da linguagem.

Nos últimos dias, temos vivenciado intensa discussão sobre os alcances do humor na televisão pública brasileira. O caso mais conhecido refere-se a um “comediante” de canal aberto que hora ou outra é criticado por fazer “graça” sobre temas diversos<sup>i</sup>. Seus defensores, em resposta, afirmam que se trata apenas de uma piada; que não se deve levar a sério uma brincadeira, e que os ofendidos não têm senso de humor. A parte disso, as queixas e denúncias feitas contra esse tipo de prática humorística têm sido associadas à censura, muito comum no período antidemocrático vivido pelo Brasil há mais de vinte anos. Discordamos dessa análise, pois acreditamos que deve haver limites éticos para se pensar a produção sónica, ou seja, de formas (gráficas ou sonoras) que levam em si conceitos associados. Mas esse não é o único caso na televisão brasileira em que vemos se estabelecer uma disputa sobre o que é considerado motivo de graça ou desgraça.

Outro acontecimento recente, que colocou o humor em debate, foi a propaganda de uma marca de *lingerie* que ensinava como as mulheres deveriam dar uma má notícia a seus maridos<sup>ii</sup>. Na situação apresentada, a mulher (papel protagonizado por uma das maiores modelos da atualidade) utiliza seus “atrativos” físicos e sexuais para dar a notícia de que havia estourado o limite do cartão de crédito e batido o carro.

A partir de discussões realizadas entre os múltiplos interessados, que vão desde a pessoa que teve a infelicidade de “emitir/produzir” o chiste, o público, o patrocinador do programa até o Conselho de Autorregulamentação Publicitária (CONAR) e instâncias do governo, como a Secretaria de Políticas para Mulheres

---

<sup>1</sup> Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade de Brasília. Este trabalho foi revisado pela autora.

(SPM), compreendemos estarmos diante de uma problemática muito séria e nada cômica, que envolve questões que dizem respeito à materialidade da ação que provoca o riso e a imperiosa ressonância disso sobre uma reflexão ética, que abarque o sentido da liberdade (de falar, ser e existir), em um país democrático, e de como isso está inevitavelmente circunscrito pelo exercício do mesmo direito de um Outro.

Neste trabalho, pretendemos falar um pouco sobre o humor, mais especificamente, sobre a piada como prática social de linguagem e as responsabilidades que podem estar envolvidas aí. Para tanto, utilizaremos como exemplo uma piada produzida pelo apresentador supracitado. Antes, explicaremos brevemente sobre a nossa compressão de língua/linguagem; depois, faremos uma breve exposição das contribuições dos Estudos Feministas para a situação proposta; em seguida, ofereceremos alguns mecanismos pelos quais o riso é possibilitado em uma piada. Por fim, discutiremos a pertinência de se levar ou não a sério o humor.

## **A construção do Mundo pela e na Linguagem**

Para abordarmos a problemática do humor proposta aqui, faz-se necessário tratar, antes de tudo, das concepções construídas em torno das funções da linguagem. Dessa forma, apresentamos brevemente duas perspectivas, não necessariamente opostas, sobre o papel da língua. São elas: a língua como estrutura e a língua como atividade social.

Do século XIX em diante, os estudos estruturalistas da linguagem tiveram grande repercussão sobre o pensamento filosófico e científico constituindo-se como método de análise, que reúne modelos explicativos da realidade, que são as estruturas. O caráter positivista de se compreender e produzir conhecimento sobre a linguagem, empregado pelo estruturalismo, é que confere à Linguística o título de Ciência.

O status é alcançado com o trabalho de Ferdinand de Saussure (1969), referência na abordagem estrutural, que postulou a existência de quatro dicotomias para os estudos da linguagem: *língua x fala; significante x significado; paradigma x sintagma e diacronia x sincronia*.

A primeira dicotomia marca, de acordo com a concepção estrutural, o processo de hierarquização da língua sobre fala. Para Saussure, a Linguística deveria se ocupar da língua, que representa o sistema maior, ao invés de se preocupar com a fala, individual, assistemática e secundária. Os estudos da Linguística deram destaque às formas da língua em “detrimento das substâncias do corpo e da voz: *la langue est une forme et non une substance*” (SAUSSURE, 1995 apud PEZANI FILHO, 2007, p. 106), ou seja, a abordagem de compreensão da linguagem se dava por meio da descrição das formas estruturais. A segunda diz respeito à noção de signo presente na língua. O signo é composto por significante e significado, por som/gesto e ideia. Contudo, é impossível desvincular um e outro no processo em que se dá o exercício da língua. A oposição entre paradigma *versus* sintagma trata, em ordem, sobre a relação associativa entre as palavras e da linearidade ou sucessão dos elementos da língua. Por fim, Saussure estabelece outra hierarquia em que o estudo das línguas deveria ser interessar bem mais pelo seu caráter sincrônico, ou seja, estático, fixo, que pelo diacrônico, mutável e histórico-socialmente construído.

Outro linguista que nos ajudará a compreender as atividades humanas concernentes à língua como relativamente autônomas e independentes do sistema social é Roman Jakobson. Em sua obra *Linguística e Comunicação* (2005), Jakobson define a presença de seis elementos para que haja a comunicação. São eles: o emissor (1ª pessoa), o código, o canal, a mensagem, o receptor (2ª pessoa) e o referente (3ª pessoa/objeto). A partir desses elementos, o formalista russo irá se debruçar sobre a produção de seis funções da linguagem: emotiva, conativa, fática, metalinguística, poética e referencial.

A partir dos trabalhos realizados por Saussure e por Jakobson, em 1949, Shannon e Weaver (*apud* SAMPAIO, 2001) propõem um modelo de informação como transmissão de um conjunto de sinais codificáveis e decodificáveis, tal qual um modelo matemático. A crítica feita a essa concepção de comunicação está na redução das capacidades dos agentes presentes no diálogo como meros codificadores/decodificadores de sinais e à compreensão da informação como algo objetivo e diretamente acessível por todos.

O linguista Benveniste que tinha a semântica como centro de suas discussões, afirma que a percepção da linguagem como instrumento deve encher-nos de desconfiança e que tentar fazer essa diferença instrumental é tentar opor homem e natureza, como se fosse possível chegar à projeção do homem anterior à fala. “É um

homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem” (1958, p. 248).

Em contraponto a esse modelo sobre a língua, vão se desenvolvendo trabalhos com enfoque no uso, como os estudos pragmáticos da linguagem.

No interior da Filosofia da Linguagem, surgem as Teorias dos Atos de Fala, postulada pelo filósofo inglês da escola de Oxford, John Langshaw Austin (1911-1960), que teve, em 1962, livro publicado sob o título *How to do things with words*. Como bem explica o título da obra póstuma, para além de uma abordagem instrumental da comunicação, onde é possível descrever o estado das coisas, segundo o autor, as palavras possuem poder de ação e criação.

Assim, o filósofo da linguagem introduz o conceito *performativo* (AUSTIN, 1990). Austin nomeia de performatividade o poder de criação dos atos de fala, asseverando que o performativo é o próprio ato de realização de toda fala-ação (OTTONI, 2002, p. 129). Na próxima seção, veremos como a linguagem performática se relaciona com os estudos Feministas e de Gênero na produção dos saberes e dos corpos.

Na análise do diálogo, há que se ponderar também as condições necessárias para que a realização do enunciado performativo aconteça e as posições ocupadas pelos sujeitos falantes. A essas condições de realização, Austin chamou condições de felicidade.

Nesse sentido, saímos de uma concepção de língua(gem) apenas como instrumento de comunicação em direção a uma concepção de sistema linguístico que engendra o conhecimento humano. Partimos de pressupostos que percebem a linguagem não apenas por seu aspecto utilitário-instrumental, mas também como estruturante da realidade que nos rodeia. Os discursos fazem mais do que constatar uma realidade dada; eles são sequência de signos que produzem significados e materialidades. Admitimos que a realidade é formada por natureza simbólica e que há na linguagem força construcionista dessa noção de real.

## **As contribuições dos Estudos Feministas para uma crítica da linguagem**

Diferentemente do que postulam alguns (cientistas ou não-cientistas), a Crítica Feminista ainda se faz pertinente diante de culturas misóginas e que, nas sociedades ocidentais, inclua-se o Brasil, possuem um referente notavelmente marcado que é o homem branco, adulto, heterossexual e burguês. A sobreposição desse masculino na cultura brasileira é exercida de várias formas, institucionalizadas ou não, todas elas possíveis pela linguagem, performando dicotomias que suscitam exclusão e exploração (emoção/razão, fragilidade/força, cuidado/violência, público/privado, etc). Com alento, os Estudos Feministas vêm criticar outras formas de exercícios de poder que não se restringem à ação do Estado, dando destaque para a “politização do cotidiano”<sup>2</sup>. Feministas da segunda onda (1960-80), como Carol Hanisch, quem cunhou o slogan "O pessoal é político", já alertavam para a ligação inexorável entre as desigualdades culturais e políticas. Em perspectiva semelhante é que se circunscreve a nossa discussão sobre a linguagem no humor, tendo como aporte crítico os Estudos Feministas e de Gênero.

A obra de Simone de Beauvoir, *O segundo sexo*, representa o marco do início dos Estudos de Gênero que elaboraram construtos para a compreensão das diferenças sócio-historicamente construídas entre as mulheres e os homens. Esses estudos representam a tentativa de afastamento das explicações científicas que biologizam os corpos-mentes humanos e uma aproximação à perspectiva sociocultural na construção do gênero, ou seja, os papéis de gênero já estavam balizados muito antes do nascimento do bebê.

Tereza de Lauretis (1994) aponta a existência de uma maquinaria de produção do gênero, composta por dispositivos institucionais e sociais, que sustentam discursos que polarizam, hierarquizam e fixam identidades assimétricas no agenciamento social, fundamentadas no sexo. As tecnologias de gênero “teriam o poder de controlar o campo de significação social e assim produzir, promover e implantar as representações de gênero (LAURETIS, 1994, p. 18 *apud* NAVARRO-SWAIN)”.

O desenvolvimento dos estudos feministas levantou críticas à própria noção desnaturalizante do gênero, uma vez que ele, como estratégia de visibilização da mulher, foi essencializando identidades. Conforme Tereza de Lauretis, segundo Berenice Bento (2006, p. 73), “a primeira limitação do conceito de diferenças sexuais é que ele aprisiona o pensamento crítico feminista a uma estrutura conceitual marcada

---

<sup>2</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. S.l., Graal, 3ª edição, 1982.

pela oposição universal do sexo”. Em contraposição a essencialização das identidades sociais, Butler (1993 *apud* BENTO 2006) toma emprestado o conceito de performatividade<sup>3</sup> para explicar a construção do sexo-gênero no processo de negociação discursiva, rechaçando novamente qualquer tipo de constatação ou apenas descrição do mundo e dos papéis sociais. Compreender o gênero a partir da noção de performatividade significa retirá-lo de sua conveniente estabilidade, que lhe é aparente por conta das ações, dos discursos e das normas sociais que são repetidas e reiteradas, para trazê-lo ao campo instável da linguagem em negociação.

### **A prática social do Humor**

Para uma análise do humor em piadas, Borges e Freitas (2011) elencam como alguns mecanismos propriamente linguísticos e outros extralinguísticos são acionados para a produção do riso. Eles atuam sobre o ativamento do conhecimento prévio e sobre os níveis fonológico, lexical, morfológico, sintático, semântico e dêitico.

Para Possenti, as piadas tratam de uma técnica e não de um lugar-comum (1998, p. 46). Dessa forma, dizer diretamente alguma coisa não é uma piada, mas dizer alguma coisa utilizando artifícios de linguagem sim. Por exemplo:

*Duas pessoas caminham lendo lápides em um cemitério, quando se deparam com os seguintes dizeres: **AQUI JAZ UM POLÍTICO E UM HOMEM HONESTO.***

*- Nossa, que povo pão-duro! - disse uma delas  
- Enterrou duas pessoas em um mesmo caixão.*

As piadas, como exercício do humor produzido a partir do sistema estruturante e performativo que é a língua representam, sim manifestações culturais e ideológicas, o que impossibilita pensar na dissolução da relação humor, como discurso e estruturas sociais existentes, tal como ocorre com outras formas de expressão possíveis pela língua(gem). Assim como em outras práticas discursivas, Possenti (1998, p. 26-38) afirma que piadas operam com estereótipos e ideologias. O humor, como qualquer outra formação discursiva, encontra-se eivado de valores, muitas vezes, discriminações e preconceitos.

---

<sup>3</sup> AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer: palavras em ação*. Trad. De Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

## Corpus de piada

Aqui, nossa análise se restringirá mais aos aspectos da linguagem e nas conclusões apresentaremos alguns questionamentos éticos sobre a produção e propagação dessas práticas.

Diante da breve explicação sobre os efeitos da linguagem e a produção do gênero, passamos a análise da piada feita pelo apresentador em canal aberto da televisão brasileira.

No dia 29 de agosto, o comediante fez piada com uma apresentadora de televisão. Ao exibir um vídeo em que a apresentadora tem dificuldades para falar a palavra "octógono", ele disse que não teria a mesma paciência do namorado, lutador de artes marciais mistas, que está ao lado dela. E soltou a graça:

*"Se fosse eu já dava uma cotovelada", afirmou.  
"É octógono, cadela! Põe esse nariz no lugar."*

A partir dos mecanismos de linguagem apresentados anteriormente por Borges e Freitas, podemos verificar que a piada não é capaz de trabalhar no nível fonológico, lexical, morfológico, sintático, semântico ou dêitico, mas utiliza apenas o ativamento de conhecimento prévio para estabelecer uma relação entre o namorado ser lutador de artes marciais e não agir agressivamente diante do fato de não se conseguir pronunciar uma palavra de forma foneticamente adequada. Nessa "piada", vivem estereótipos dicotômicos de gênero: o masculino se sobrepondo agressivamente à afabilidade do feminino, naturalizando a violência de gênero física, verbal e simbólica, que colocam a mulher em condição inferior à levando-a a ser comparada a um animal. Mais uma vez, legitimando a violência que pode ser realizada contra um ser não-humano. Chegamos ao momento de avaliar se de fato o exemplo pode ser considerado humor e, se sim, quais são os limites para essa prática? Ou não há limites?

Sobre a regulação do humor ou de outras formas de expressão, alguns defensores da liberdade, a qualquer custo, afirmam que há no humor um potencial desafiador dos costumes e práticas sociais, e que calar o humor seria uma atitude



antidemocrática, uma vez que para essas pessoas a democracia significa inclusive ferir os Direitos de outros cidadãos. De acordo com Possenti, essa afirmação segundo a qual o humor crítica é muito parcial

"O humor nem sempre é progressista. O que caracteriza o humor é muito provavelmente o fato de que ele permite dizer alguma coisa mais ou menos proibida, mas não necessariamente crítica, no sentido corrente, isto é, revolucionária, contrária aos costumes arraigados e prejudiciais. O humor pode ser extremamente reacionário, quando é uma forma de manifestação de um discurso veiculador de preconceitos (...) Como dizer que o humor é crítico, nesses casos?" (POSSENTI, p.49, 1998)

Ainda segundo o linguista especialista em piadas, para que possamos caracterizar um texto humorístico como piada há que seguir certas técnicas de elaboração estrutural da obra. Assim, muitos textos orais que não utilizam os artifícios lingüísticos de piadas em sua estrutura podem provocar o riso por meio de outros recursos.

Diante desta breve análise, concluímos que o texto verbal utilizado como exemplo não pode ser considerado, a partir de definições linguísticas, como piada.

### **Conclusão - E aí, é para levar a sério?!**

As piadas veiculam ideologias e estereótipos, seja por trabalharem de forma simplificada com o problema seja por serem mais compreensíveis para o leitor (POSSENTI, 1998). De qualquer forma, cabe-nos refletir sobre as consequências desse dizer-fazer em textos humorísticos e com alcances tão abrangentes, como quando são contados na televisão brasileira, que performam sujeitos, identidades, gêneros, corpos, em uma ação de promoção da banalização e naturalização das diferenças, da exclusão, da exploração, da violência.

Vimos que mesmo uma piada não pode se eximir das estruturas e instituições sociais que a engendram. Assim, é interessante pensar quem fala, de quem fala e o que fala, localizando o discurso e os sujeitos em questão, e possíveis interesses em jogo.

Por fim, acreditamos que regular o humor é sim necessário e não se trata de censura, uma vez que num Estado Democrático de Direitos há que se empenhar esforços para a defesa daqueles que veem seus direitos atacados desde formas mais grosseiras às mais sutis. A regulação é um instrumento previsto em democracias e deve ser utilizada. O que propomos não é o tolhimento das liberdades, mas a necessária reflexão sobre práticas que reiteram as diferenças e que, num brando inconsequente, não compreendem ou se recusam a perceber que operam ativamente na construção e legitimação das desigualdades e violências. Diríamos que mais antidemocrática é a imposição de obstáculos para que aconteçam discussões que questionem a ética de práticas corriqueiras, eivadas de interesses descompromissados e obscuros. Respondendo a pergunta feita no início da seção: sim, piada pode ser levada a sério.

## Referências

- AUSTIN, John Langshaw. *Quando dizer é fazer: palavras em ação*. Trad. De Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- BENTO, Berenice. *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BENVENISTE, Emile. 1958. Da Subjetividade na linguagem. In: *Problemas de Linguística Geral I*. Tradução: Maria da Glória Novak e Maria Luiza Neri. Campinas, SP: Pontes e Editora da Unicamp, 1988, p. 284-93.
- BORGES, Eliana Maria e FREITAS, Sonia Maria Pereira. *Análise de texto humorístico: as piadas*. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/viiicnlf/anais/caderno05-05.html>
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. 11. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1993.
- GUIMARÃES, Thayse Figueira. A Construção performativa do gênero e da sexualidade nas práticas discursivas de uma *lan house*. Dissertação de Mestrado em Linguística Aplicada. Rio de Janeiro: UFRJ, Departamento de Letras, Linguística Aplicada, 2009, p.191.
- JAKOBSON, Roman. *Linguística e Comunicação*. São Paulo, Cultrix, 2005.
- NAVARRO-SWAIN, Tania. *Identidade nômade : heterotopias de mim*. Disponível em: <http://tania.navarrowswain.com.br/chapitres/bresil/heterotopias%20de%20mim.htm>
- OTTONI, Paulo. *John Langshaw Austin e a Visão Performativa da Linguagem*. In: D.E.L.T.A., 18:1, 2002 (117-143).
- PIOVEZANI FILHO, Carlos. *Políticas da voz no discurso político: efeitos da substância da expressão no horário de propaganda eleitoral gratuita*. Soletas, Ano VII, N° 13. São Gonçalo: UERJ, 106 jan./jun.2007.
- POSSENTI, Sírio. *Os Humores da Língua: Análises Lingüísticas De Piadas*. Campinas: Mercado das Letras, 1998.
- SAUSSURE, Ferdinand. de (1969). *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, Capítulos III e IV da Introdução; Capítulos I, II e III da Primeira Parte; Capítulos III, IV e V da Segunda Parte.

---

i

As piadas mais comentadas foram:

- i. "Que bonitinha que está a essa cantora grávida", disse um colega apresentador do programa. Ao que o polêmico comediante respondeu: "Eu comeria ela e o bebê. Não tô nem aí". A gracinha rendeu a suspensão dele.
  - ii. "Ae órfãos! Dia triste hoje, hein?", escreveu o comediante no Dia das Mães.
  - iii. "Eu acho todo mundo bonito. Isso é efeito colateral de uma temporada de shows que eu fiz em Rondônia", falando sobre a aparência dos rondonienses em seus shows de stand up comedy.
  - iv. "Toda mulher que eu vejo na rua reclamando que foi estuprada é feia pra caralho. Tá reclamando do quê? Deveria dar graças a Deus. Isso pra você não foi um crime, e sim uma oportunidade. O homem que fez isso [estupro] não merece cadeia, merece um abraço."
- ii
- No dia 26 de setembro de 2011, a SPM pediu ao CONAR que a propaganda fosse retirada de circulação. No dia 13 de outubro, a representação foi julgada pelo Conselho de Ética do CONAR. Na ocasião, o relator do processo afirmou que "os estereótipos presentes na campanha são comuns à sociedade e facilmente identificados por ela, não desmerecendo a condição feminina". O caso foi arquivado e a propaganda ganhou o direito de ser veiculada normalmente.